

Desconstrução de padrões de gênero através de práticas musicais

TAMIÊ PAGES CAMARGO¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – tamiecamargo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Tantas coisas que eu queria falar, tantas coisas que eu poderia mostrar, mas me sinto silenciada. Por isso escrevo. Encontrei nessa pesquisa uma forma de expressar o que não consigo mais falar. O texto é um grito de expressão, indignação, que busca a transformação. A busca por essa mudança se dá a partir dos temas e da forma que essa pesquisa foi estruturada. A investigação é feita nas áreas da educação musical e do feminismo e tem como objetivo promover um processo de reflexão sobre os papéis de gênero, utilizando a música como um meio para sua desconstrução.

Considerando gênero como uma “construção social, cultural e histórica que se realiza em um determinado tempo, espaço e cultura” (DÍAZ MOHEDO, 2005, p. 571), é possível afirmar que dentro de relações educacionais as informações são selecionadas e transmitidas a partir de uma determinada cultura. Essas características não são somente transmitidas em aulas regulares de música em instituições formais de ensino, eles também estão presentes durante as práticas musicais. Nessas são dados exemplos nos quais mulheres são esquecidas, colocadas como segundo plano ou praticam funções específicas como a de intérprete e professora. O acesso à composição ou instrumentos que não condiziam com as funções de “mãe” ou “esposa”, papéis esses permitidos para as mulheres, era [e ainda o é] restrito (ROMERO, 2010). Isso contribui para a construção de identidades masculinas e femininas e reforçam características de foram, ao longo da história, associadas a cada uma dessas identidades (DÍAZ MOHEDO, 2005).

Nesses contextos são produzidos e transmitidos códigos de gênero impostos por cada sociedade e/ou grupo cultural, códigos esses que influenciam de maneira direta no que é considerado feminino e masculino, tornando isso regras sociais que determinam a construção das identidades. (GREEN, 2001; DÍAZ MOHEDO, 2005). Até questões que podem parecer algo de livre escolha, como, por exemplo, a escolha de tocar um instrumento musical, são condicionadas por visões que carregam algum estereótipo de gênero e de condutas que se adequam, ou não, a um determinado gênero. A autora Lucy Green (2001), menciona diferentes estudos que mostram que a preferência por algum instrumento específico ou por algum gênero musical¹ são influenciadas por questões de gênero.

Considerando que a música é, também, uma forma de transmissão de papéis de gênero e que, dentro de suas práticas, mulheres são invisibilizadas, pretendo que essa pesquisa seja feita por e para mulheres. Por isso me proponho a trabalhar com epistemologias feministas e uma metodologia que condiz com tal abordagem.

¹ Ver: DA SILVA, Helena Lopes. Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música. **Revista da ABEM**, v. 12, n. 11, 2004

2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para esse trabalho é a pesquisa participante, pois esse desenho de pesquisa procura romper o monopólio do saber e das informações, tornando possível que o saber seja elaborado a partir do grupo participante do trabalho. Assim, o conhecimento é desenvolvido de forma coletiva e esse tem como fim uma ação que irá intervir na realidade social em que vivem (Richardson, 2011, apud FAERMANN, 2014).

Desse modo, a relação que se dá dentro de uma pesquisa participante não deve ser a de “sujeita(o)-objeto”, mas deve ser construída uma relação de “sujeita(o)-sujeita(o)”, pois nesse tipo de investigação considera-se que todas as pessoas e culturas são fontes iguais e originais de saber (Méksenas 2007, apud FAERMANN, 2014).

Toda a investigação deve ser pensada em conjunto com as pessoas envolvidas, o problema, os objetivos, a metodologia, entre outros, devem ser analisados juntamente com as(os) sujeitas(os) participantes da pesquisa. Cabe a(ao) pesquisadora(or) manter o cunho científico no trabalho de forma que seja uma crítica à realidade (FAERMANN, 2014).

A pesquisa participante é formada a partir da procura de uma unidade entre teoria e prática, isto é, a teoria é constantemente construída e reconstruída a partir da reflexão crítica da prática aplicada. É importante que haja participação popular comunitária desde o início e ao longo de todo o processo da investigação. Para isso, é preciso que a(o) investigadora(or) tenha um compromisso social, político e ideológico com a comunidade e suas causas sociais. Os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser constituídos a partir da possibilidade de transformação de saberes e da desigualdade social, visando a humanização da vida social e a emancipação de saberes populares.

Também há o caráter político desse tipo de pesquisa, uma vez que é voltada a comunidades [ou grupos] marginalizada. Tal investigação permite a comunidade envolvida lutar por seus interesses, de acordo com a necessidade do dia a dia. A partir da proximidade da(o) pesquisadora(or) com esse grupo, cabe a ela(e) identificar-se com essa comunidade e suas demandas, assumindo, assim, um projeto político e mantendo ele como finalidade no trabalho (FAERMANN, 2014).

A comunidade escolhida para esse trabalho foi um grupo formado pelas mulheres que integram o grupo PEPEU (Programa de Extensão em Pecussão da UFPEL). O grupo teve seu início no segundo semestre 2013 e iniciou suas ações do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas com o objetivo de unir a comunidade e a cultura local com a universidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Epistemologia é um termo bastante citado dentro da academia, mas o que de fato ele significa? Para tentar simplificar essa palavra podemos fragmentá-la. Episteme é formada pelas palavras *episteme*, vinda do grego e que significa conhecimento, e a palavra *logos*, que quer dizer ciência. Dessa forma, epistemologia é a ciência do conhecimento (KILOMBA, 2010, p. 29).

Essa ciência se dedica a estudar, entre outros, aspectos históricos e psicológicos que fazem parte da construção do conhecimento. De acordo com Grada Kilomba (2010), a epistemologia investiga três tópicos fundamentais do conhecimento: os temas, os paradigmas e os métodos. É a epistemologia define o tema de investigação definindo quais perguntas são válidas de serem questionadas. O paradigma é determinado a partir da forma como um fenômeno

vai ser analisado e explicado. Já o método é estabelecido pela maneira que a pesquisa vai ser conduzida (KILOMBA, 2010, p.29). Esses três aspectos tem por objetivo produzir o “conhecimento verdadeiro”. Mas o que realmente poderemos definir por um “conhecimento verdadeiro”? Existe um único conhecimento que valha a pena ser construído? Verdadeiro para quem?

Infelizmente, o “conhecimento verdadeiro” só é real para uma pequena parcela da sociedade. Grada Kilomba (2010), afirma que o conceito de conhecimento e ciência estão profundamente ligados ao poder e autoridade racial, por isso são excludentes. Os conhecimentos que são reconhecidos como ciência, que a autora chama de “centro acadêmico” (KILOMBA, 2010, p.27) são parte de um espaço branco, onde os negros tiveram seu direito de fala negados. Segundo o “centro acadêmico”, o que os negros produzem não é ciência, mas uma mera opinião.

O conhecimento é uma forma de classificar a população, tanto em questões raciais, quanto de gênero e classe. Sobre isso a antropóloga negra Lélia Gonzales reconhece que quem possui o privilégio epistêmico é a mesma classe que também possui o privilégio social. A epistemologia é dominada pela visão patriarcal, branca, heteronormativa e eurocêntrica. Essa é estrutura do conhecimento que é vista como válida. A dominação do saber por essa classe faz com que conhecimentos feitos por pessoas à margem dessa estrutura sejam invisibilizadas e desvalorizadas. (RIBEIRO, 2018, p.25)

A visão patriarcal que domina a epistemologia tenta irracionalizar pesquisas feitas por mulheres. Esses tipos de relações de poder apontam que há uma grande complexidade entre raça e gênero, a consciência de uma sociedade no qual o homem detém o poder e a mulher é oprimida. Frente a isso, seria possível pensar sobre uma epistemologia diferente? Seria possível pensar em uma Epistemologia Feminista ou até Epistemologias Feministas?

É plausível imaginar que, se considerarmos que mulheres têm experiências históricas e culturais diferentes das experiências masculinas, as vivências transformem, também, a produção do conhecimento científico (RAGO, 1998, p.3). Deste modo, as epistemologias feministas foram pensadas como forma de crítica à epistemologia tradicional, a qual se baseia em um ponto de vista de mundo a partir do olhar masculino, ou seja, esse tipo de ciência só interessa observar aspectos que são convenientes aos homens.

Assim, é a partir de uma intencionalidade de pesquisa feminista, baseada na perspectiva dos estudos de gênero decolonial e na pesquisa participante, que esta pesquisa almeja avançar no sentido de possibilitar a construção de um espaço reflexivo junto às integrantes do grupo PEPEU.

Durante os encontros com as mulheres do grupo discutiremos sobre os papéis de gênero construídos pela sociedade, suas consequências e repercussões na música, dentro do próprio grupo e de que forma podemos desconstruir isso através da prática musical. Dessa forma, a pesquisa estará sendo pensada a partir das mulheres do grupo, destacando a relevância de uma pesquisa feita por mulheres, contestando a forma de pesquisa tradicional que nos invisibilizam e desmerecem trabalhos feitos por nós.

4. CONCLUSÕES

O trabalho está em andamento, por isso as conclusões ainda não estão elaboradas. Os encontros com as integrantes do grupo serão marcados e acontecerão no LAPIS – Laboratório de Artes Populares Integradas, sala onde

acontecem os ensaios do PEPEU. Nesses dias as reuniões serão focadas na criação e estudos da música composta pelo grupo de mulheres.

Com essa pesquisa viso acompanhar e descrever o processo de discussão e preparação de uma peça composta por essas mulheres participantes do grupo, como uma forma de quebrar com padrões de gênero identificados durante as conversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DÍAZ MOHEDO, M. T. La perspectiva de género en la formación del profesorado de música. **REICE**: Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, [S.l.], v.3, n.1, p.570-577, 2005

FAERMANN, Lindamar Alves. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. **Revista Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, 2014.

GREEN, L. **Música, género y educación**. Madrid: Morata, 2001.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2010. Disponível em <<https://goo.gl/w3ZbQh>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.

ROMERO, Nieves Hernández. A influência da educação musical na transmissão de papéis sociais associados ao gênero. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, n. 1, p. 81-92, 2010.